

FUTEBOL E LAZER

GOVERNO FEDERAL

Presidente

Jair Messias Bolsonaro

MINISTÉRIO DA CIDADANIA

Ministro da Cidadania

João Roma

Secretário Especial do Esporte

Marcelo Reis Magalhães

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitora

Sandra Regina Goulart Almeida

Vice-Reitor

Alessandro Fernandes Moreira

Pró-Reitora de Graduação

Benigna Maria de Oliveira

Pró-Reitor Adjunto de Graduação

Bruno Otávio Soares Teixeira

Pró-Reitora de Extensão

Claudia Andrea Mayorga Borges

Pró-Reitora Adjunta de Extensão

Janice Henriques da Silva Amaral

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL

Diretor

Gustavo Pereira Côrtes

Vice-Diretora

Tânia Lúcia Hirochi

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Chefe

Cleber Augusto Gonçalves Dias

Vice-Chefe

Meily Assbú Linhales

EDITORIA UFMG

Diretor

Flavio de Lemos Carsalade

Vice-Diretora

Camila Figueiredo

Conselho Editorial

Flavio de Lemos Carsalade (PRESIDENTE)

Ana Carina Utsch Terra

Antônio de Pinho Marques Júnior

Antônio Luiz Pinho Ribeiro

Bernardo Jefferson de Oliveira

Camila Figueiredo

Carla Viana Coscarelli

Cássio Eduardo Viana Hissa

César Geraldo Guimarães

Eduardo da Motta e Albuquerque

Élder Antônio Sousa e Paiva

Helena Lopes da Silva

João André Alves Lança

João Antônio de Paula

José Luiz Borges Horta

Lira Córdova

Maria de Fátima Cardoso Gomes

Renato Alves Ribeiro Neto

Ricardo Hiroshi Caldeira Takahashi

Rodrigo Patto Sá Motta

Sergio Alcides Pereira do Amaral

Sônia Micussi Simões

CAED

Diretora de Educação a Distância da UFMG

Eliane Marina Palhares Guimarães

Diretora Adjunta de Educação a Distância da UFMG

Maria das Graças Moreira

Coordenadora da Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFMG

Sônia Maria Nunes Viana

SILVIO RICARDO DA SILVA
MARINA DE MATTOS DANTAS
FELIPE VINÍCIUS DE PAULA ABRANTES

FUTEBOL E LAZER

Belo Horizonte
Editora UFMG
2023

© 2023, Silvio Ricardo da Silva, Marina de Mattos Dantas, Felipe Vinícius de Paula Abrantes
© 2023, Editora UFMG
Este livro, ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

Coordenação Editorial
Jerônimo Coelho
Direitos Autorais
Anne Caroline Silva
Assistência Editorial
Eliane Sousa
Coordenação de Textos
Lira Córdova
Produção Gráfica
Warren Marilac

Produção Editorial/CAED-UFMG
Michel Gannam
Preparação de Textos
Lúcia de Salvo Oliveira
Revisão de Provas

Projeto Gráfico
Setor de Design/CAED-UFMG
Formatação
Carolina Vilhena
Sérgio Luz

Biblioteca Professor Antônio Luiz Paixão - FAFICH
TEL. 3409-6318

Ficha catalográfica

S586f Silva, Silvio Ricardo da.
Futebol e lazer [recurso eletrônico] / Silvio Ricardo da Silva, Marina de Mattos Dantas, Felipe Vinícius de Paula Abrantes - Belo Horizonte : Editora UFMG, 2023.

1 recurso online (... p. : il.): ePub
Coleção EaD-UFMG

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5858-036-2

1. Esportes. 2. Lazer. 3. Futebol. 4. Políticas públicas. 5. Educação. I. Dantas, Marina de Mattos. II. Abrantes, Felipe Vinícius de Paula. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Apoio a Educação a Distância. IV. Título. V. Série.

CDD: 370.116
CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza – Bibliotecária - CRB-6/1390

Editora UFMG
Av. Antônio Carlos, 6.627 | CAD 2 | Bloco 3
Campus Pampulha | 31270-901
Belo Horizonte-MG | Brasil
Tel. +55 31 3409-4650
www.editoraufmg.com.br | editora@ufmg.br

Centro de Apoio à Educação a Distância da UFMG (CAED-UFMG)
Av. Antônio Carlos, 6.627 | Unidade Administrativa III
Térreo | Sala 115 | Campus Pampulha | 31270-901
Belo Horizonte-MG | Brasil
Telefax +55 31 3409-5526 | ead@ufmg.br

NOTA DA DIRETORIA DO CAED

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) atua em diversos projetos de educação a distância, que incluem atividades de ensino, pesquisa e extensão. Dentre elas, destacam-se as ações vinculadas ao Centro de Apoio à Educação a Distância (CAED-UFMG), que iniciou suas atividades em 2003.

Primeiramente, o trabalho de apoio à educação a distância esteve ligado ao assessoramento da Reitoria e das unidades acadêmicas no credenciamento dos primeiros cursos de graduação na modalidade a distância (EaD) da UFMG no Ministério da Educação (MEC).

Posteriormente, o CAED passou a ampliar sua atuação em favor da institucionalização da EaD na UFMG, coordenando e assessorando o desenvolvimento de cursos de graduação, pós-graduação e extensão a distância; desenvolvendo estudos e pesquisas sobre EaD; capacitando profissionais envolvidos com a modalidade; promovendo a articulação da UFMG com os polos de apoio presencial; assessorando a produção de materiais didáticos impressos e digitais sobre EaD na UFMG e gerindo os recursos financeiros dos cursos.

Atualmente, o CAED tem se esforçado bastante para orientar e capacitar os agentes envolvidos nos cursos e demais ações a distância da UFMG para produzirem materiais didáticos e outros objetos de aprendizagem (animações, videoaulas, webconferências etc.), em consonância com as especificidades da educação a distância, de forma a permitir que essa modalidade de ensino possua o mesmo nível de excelência das demais atividades da universidade.

Nesse contexto, destacamos a parceria do CAED com a Editora UFMG, consolidada com a criação de um selo de qualidade EaD-UFMG. Assim, temos a honra de lançar esta obra, esperando que todos os leitores possam aproveitá-la ao máximo, inclusive entrando em contato conosco para sugestões, comentários e críticas.

Bons estudos!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Adolescentes jogando bola. Foto: Rodnae Production https://www.pexels.com/pt-br/foto/adolescente-jovem-aventura-facanha-8035099/ . (https://www.pexels.com/pt-br/licenca/)	12
Figura 2	Camisas. Foto: Sérgio Settani Giglio.	13
Figura 3	Charles Miller antes de uma partida na Inglaterra. Autoria desconhecida. (https://creativecommons.org/publicdomain/mark/1.0/deed.pt_BR).	17
Figura 4	Oscar Cox, um dos fundadores e primeiro presidente do Fluminense. Autoria desconhecida (https://creativecommons.org/publicdomain/mark/1.0/deed.pt_BR).	17
Figura 5	Torcedores acompanhando jogo. Foto: Elevate (https://www.pexels.com/pt-br/licenca/).	19
Figura 6	Meninos brincando com bola. Foto: Isabella Matos (https://pixabay.com/service/terms/#license).	25
Figura 7	Atletas femininas jogando futebol. Foto: Noelle Otto (https://www.pexels.com/pt-br/licenca/).	25
Figura 8	Disputa pela bola. Foto: Patrick Case (https://www.pexels.com/pt-br/licenca/).	28
Figura 9	Torcida acompanhando uma partida de futebol. Foto: Martí Prado (https://www.pexels.com/pt-br/licenca/).	38
Figura 10	Seja no futebol profissional... Foto: Mica Asato (https://www.pexels.com/pt-br/licenca/).	39
Figura 11	...ou no lazer... Foto: RF Studio (https://www.pexels.com/pt-br/licenca/).	39
Figura 12	...incentivo e respeito é o que as mulheres precisam receber. Foto: Mica Asato (https://www.pexels.com/pt-br/licenca/).	40

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
Unidade 1	
FUTEBOL E SOCIEDADE	11
1.1 O futebol para além da bola rolando	11
1.2 O futebol no contexto mundial: surgimentos possíveis	14
1.3 Inglaterra: o berço do futebol	15
1.4 O futebol no contexto nacional: uma história do futebol no Brasil	16
1.5 Futebol e relações locais	18
1.6 Futebol e jogos eletrônicos	20
ATIVIDADE 1	22
Unidade 2	
O FUTEBOL PARA ALÉM DA BOLA ROLANDO	25
2.1 O futebol como profissão	25
2.2 Futebol e violência	29
2.3 Racismo no futebol	33
2.4 Gênero e sexualidade no futebol	36
ATIVIDADE 2	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
	49
SOBRE OS AUTORES	

APRESENTAÇÃO

Olá, cursistas!

Sejam bem-vindos ao curso Futebol e Lazer!

Nas páginas a seguir você encontrará conteúdos voltados ao trabalho do futebol “para além da bola rolando”, ou seja, o futebol para além de seus aspectos físicos, técnicos e táticos, voltado para o enfrentamento de questões sociais com as quais você poderá se deparar em seu cotidiano no Programa de Esporte e Lazer na Cidade (PELC) e Vida Saudável (VS).

EMENTA

Neste curso abordaremos o futebol para além da “bola rolando”. Aspectos cotidianos do futebol: futebol e história. O lugar do futebol na convivência social. Os diferentes espaços e as diversas formas de jogar futebol. O futebol e os jogos eletrônicos. Problemas sociais presentes no futebol. Futebol e profissão. Futebol e violência. Futebol, gênero e sexualidades. O futebol como estratégia de consolidação de políticas públicas de esporte e lazer. Atividades e sugestões de leitura sobre futebol.

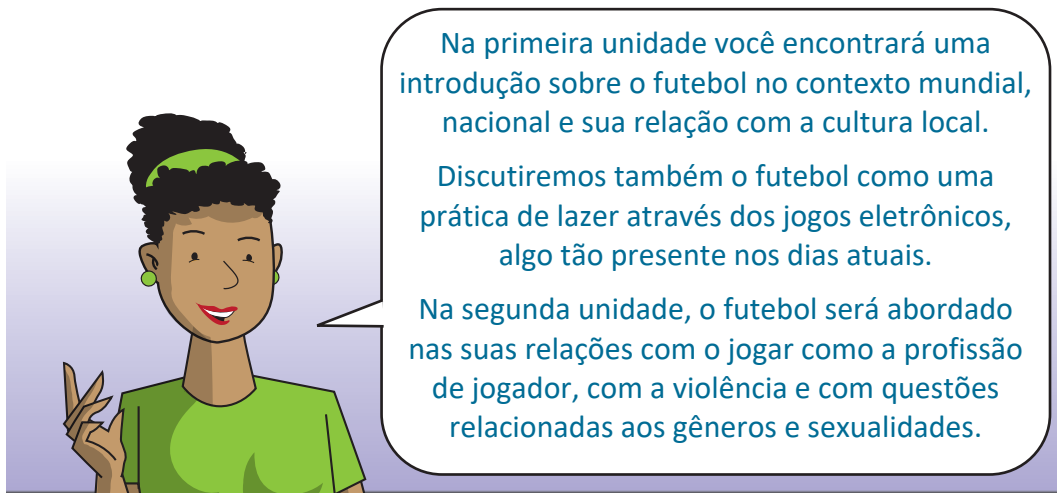
OBJETIVO GERAL

Esperamos que ao final do curso você possa ter acesso ao conhecimento sobre o futebol em sua diversidade de significados e representações; discutir o futebol para além de aspectos relacionados ao treinamento e ao alto rendimento esportivo; discutir problemas sociais relacionados à vivência do futebol no cotidiano e propor estratégias para enfrentá-los, além de tornar o futebol uma ferramenta de transformação cidadã através das políticas públicas de esporte e lazer.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar o futebol no contexto mundial, nacional e sua relação com a cultura local;
- Refletir sobre a relação do futebol com outras temáticas sociais, quais sejam: a profissão de jogador; o racismo, a homofobia e outras violências; e as construções de gênero e sexualidade;
- Apresentar possibilidades de ensino do futebol para além “da bola rolando”.

RESUMO DAS UNIDADES



PRINCIPAIS FORMAS DE AVALIAÇÃO

Na Unidade 1, você será avaliado através da atividade de fórum de discussão, questões que estimulam o debate sobre os principais temas da unidade: as origens do futebol e suas formas de entrada no Brasil; as diversas formas de se jogar futebol; o futebol em relação com a sociedade e seus principais problemas.

Na Unidade 2, você será avaliado através de uma questão dissertativa envolvendo temas abordados na unidade como profissão de jogador, racismo e outras violências, gênero e sexualidade.

Bom curso a todos!

Unidade

1

FUTEBOL E SOCIEDADE



Nesta unidade trabalharemos o futebol para além dos aspectos sobre o treinamento e alto rendimento, abordando de maneira introdutória as seguintes temáticas: o futebol no contexto mundial e nacional; o futebol e as relações locais; o lugar do futebol na convivência social; os problemas sociais presentes no futebol e os jogos eletrônicos como uma possibilidade pedagógica para o ensino do futebol.

O objetivo desta unidade é ampliar a concepção do leitor sobre o futebol e sobre as relações sócio-históricas que o esporte estabelece com o mundo enquanto prática de lazer.

1.1 O FUTEBOL PARA ALÉM DA BOLA ROLANDO

Já que o assunto é futebol, queremos saber o que você, aluno, pensa sobre o tema.



PARA REFLETIR

Quando você pensa em futebol, o que vem em sua cabeça? Escreva três frases sobre essa questão antes de continuar a leitura do texto.

Muito possivelmente, entre as frases pensadas, algumas têm como base o futebol profissional, a sua modalidade de alto rendimento.

Boa parte do que se entende hoje por futebol tem como referência principal o futebol profissional, ou seja, aquele no qual há remuneração para ser jogado e gerido e, portanto, no qual

o rendimento esportivo é priorizado com o objetivo de conquistar vitórias e dinheiro. Nesse sentido, esse futebol é entendido como uma atividade econômica.

O futebol profissional, por vezes, é também chamado de futebol espetáculo (DAMO, 2007), pois tem como um de seus principais produtos o espetáculo esportivo produzido com e para os meios de comunicação em massa, como o rádio e, principalmente, a televisão.

Nas escolinhas especializadas e, principalmente, nas categorias de base dos clubes esportivos, o futebol costuma ser resumido ao treinamento e à busca de uma performance que leve os jogadores a atuarem em grandes clubes. Ou seja, é comum em nossa sociedade que o futebol seja visto por parte dos educadores e pelos jogadores apenas em seus aspectos relacionados à técnica, às táticas e às regras.



Figura 1 - Adolescentes jogando bola

Porém, fora das quatro linhas (e também dentro delas), o futebol extrapola e muito essa dimensão. Ele está nas escolinhas e nos clubes, mas também nas ruas, nas praias, nas quadras de condomínios, nos quase extintos campos de bairro.



VOCÊ SABIA?

O uso de diferentes espaços pode ser observado nos dados de pesquisa sobre a prática de esportes e atividade física no Brasil, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada no ano de 2015.

De acordo com o IBGE (2017), dos praticantes de futebol no país com mais de 15 anos (15,3 milhões de pessoas), 29,9% usam instalações esportivas pagas (como quadras alugadas, por exemplo), enquanto 29,7% usam instalações esportivas gratuitas. Nessa mesma população estudada, 17,5% pratica o futebol em espaço público aberto com equipamentos esportivos e 21,6% em espaço público ou privado sem equipamentos esportivos. Apenas 1,4% dessas pessoas utilizam espaço condominial ou o próprio domicílio.

Pense por um momento no bairro ou na cidade em que você mora. Onde o futebol acontece? Você identifica a diminuição de espaços onde a prática do futebol é possível, como praças, parques e campinhos?



PARA REFLETIR

Para refletir sobre a diminuição de espaços para a prática do futebol recomendamos a leitura do texto “Futebol de rua, uma brincadeira (quase) esquecida”, disponível em: <https://bit.ly/3wOjZ8O>.

O futebol, possivelmente, está acontecendo de alguma forma aí, em algum lugar por perto, enquanto você lê esse texto. Aonde você consegue identificá-lo?

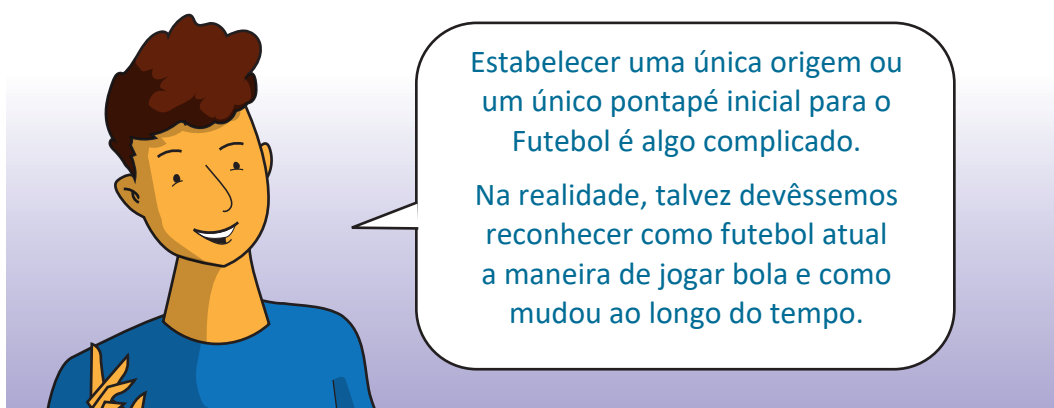
O futebol está na televisão; no rádio; no jornal impresso; na *internet*; dentro dos estádios, mas também fora deles; nos torcedores e nos seus modos de torcer; nas relações entre os torcedores e suas famílias e seus amigos; nas camisas; nas lojas. Ele está também nas políticas públicas, nos campos e campeonatos de várzea. Enfim, basta parar e observar um pouquinho que você irá reparar que o futebol está em toda parte.



Figura 2 - Camisas

Portanto, resumir o futebol apenas ao que acontece em campo, em uma partida entre clubes ou entre meninos ou meninas (juntos ou separados) é ignorar que o futebol faz parte da vida e também subestimá-lo enquanto prática de lazer.

1.2 O FUTEBOL NO CONTEXTO MUNDIAL: SURGIMENTOS POSSÍVEIS



VOCÊ SABIA?

Há muitos e muitos anos a humanidade possuía jogos e outras práticas corporais que utilizavam bolas, isso muito antes do surgimento do futebol que conhecemos hoje. Estes jogos estavam presentes em diferentes civilizações e épocas. Podemos até mesmo tentar reproduzir estes jogos e ver as semelhanças e diferenças que eles possuem com o futebol. Veja o nome, a origem e a época de existência de alguns destes jogos com bola:

- Episkyros (Grécia no século IV a.C.);
- Haspartum (Roma Antiga – Império Romano no século I a.C.);
- Tsu Chu (China no século III a.C.);
- Kemari (Japão no século IV a.C.);
- Soule (França durante a Idade Média);
- Calcio (Itália durante a Idade Média);
- Hurling Over Country (Inglaterra durante a Idade Média).

Você pode saber mais sobre estes jogos antigos no livro, *O ensino do futebol: para além da bola rolando*, de 2016, organizado pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A seguir vamos tratar um pouco dessas transformações através da história do futebol.



SAIBA MAIS

Para saber mais sobre esses outros jogos e práticas corporais com bola, leia: SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge. História do futebol. In: SILVA, Silvio Ricardo da et al. *O ensino do futebol: para além da bola rolando*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016. p. 25-48.

1.3 INGLATERRA: O BERÇO DO FUTEBOL

O futebol teve sua origem na Inglaterra, em meados do século XIX. Nesta época, toda a Europa passava por intensas mudanças econômicas e sociais, especialmente a Inglaterra. Todas essas mudanças acabaram gerando alterações nos modos de vida da população. Novos hábitos foram criados e, dentre eles, os esportes que foram inspirados em jogos populares existentes.

Em seu início, os esportes eram práticas predominantes das elites. Por este motivo, nas grandes escolas inglesas esses esportes, inclusive o futebol, ganharam regras e especificações e foram se organizando cada vez mais ao longo do tempo.



VOCÊ SABIA?

É interessante lembrar que antes da existência do futebol e do *rugby*, existia um esporte que era uma espécie de junção desses dois. Contudo, existiam grandes diferenças na forma de praticá-lo, dependendo da cidade em que era praticado na Inglaterra. Após discussões e algumas brigas entre os praticantes, duas formas de jogar foram criadas, sendo uma chamada de *Rugby* e a outra *Football*. Ao realizarem esta separação, o futebol acabou obtendo mais sucesso, progredindo não somente como esporte, mas expandindo geograficamente, chegando a outras partes do mundo para além da Inglaterra (IWANCZUK, 1992).

As regras que são utilizadas hoje no futebol profissional e que servem de referência para a prática do futebol em outros lugares e contextos, foram cunhadas pela Football Association (associação de futebol inglesa), em 1863, antes mesmo da existência da Federação Internacional de Futebol (FIFA), criada em 1904, com a participação da França, Holanda, Dinamarca, Bélgica, Suíça, Alemanha, Itália e Suécia.



SAIBA MAIS

As regras foram mudando conforme mudava a concepção de futebol. Para conhecer as principais modificações nas regras oficiais do futebol, acesse: <https://bit.ly/34HK11f>.

No contexto da Inglaterra do final do século XVIII, o crescente modelo fabril cria a necessidade da otimização do trabalho que chegaria às várias esferas sociais. Ou seja, os esportes, antes de domínio burguês, passam a ser aliados à educação física e à educação moral dos corpos dos trabalhadores das novas cidades inglesas (SOUZA NETO; SOUTTO MAYOR, 2016).



MULTIMÍDIA

Para melhor visão de uma das versões da história do futebol, indicamos o filme *A história do futebol: um jogo mágico*, que pode ser acessado e visto gratuitamente em: <https://vimeo.com/47691184>.

Muitos anos se passaram e, desde os anos 1970, principalmente nos países europeus, vemos que o futebol cresceu junto e se adequou ao modo de produção (e de vida) capitalista, principalmente em sua vertente neoliberal, que é o capitalismo como o conhecemos hoje.



VOCÊ SABIA?

Em linhas gerais, o neoliberalismo pode ser entendido como uma forma de pensamento político e econômico que visa a intervenção mínima do Estado nas atividades econômicas, ou seja, uma forma de governo que regulamenta o mínimo possível as relações comerciais entre pessoas ou instituições (o mercado), flexibilizando leis trabalhistas, privatizando empresas estatais e permitindo a terceirização de serviços, dentre outras condutas.

Na esfera do futebol profissional, algumas legislações alinhadas a essa forma de pensamento permitem que os clubes de futebol se estruturam como empresas, muitas até se constituindo como empresas de capital aberto, com ações que podem ser compradas em bolsas de valores, podendo possuir vários “donos”. O principal impacto do tratamento de clubes como empresa está na organização do futebol como atividade econômica, no qual as regras do mercado passam a ter mais força.

Alguns países europeus (principalmente a Inglaterra, a Itália e a Espanha), hoje, exportam para o mundo os seus modelos de organizar e gerir a modalidade esportiva, impactando no futebol que se joga no Brasil e em outros vários países.



SAIBA MAIS

No artigo “A parte que te cabe neste latifúndio” (ALVITO, 2006), você poderá aprofundar seus conhecimentos sobre o desenvolvimento do futebol como atividade econômica. Acesse: <https://bit.ly/2Rj3r9Q>.

Em suma, o futebol nasce de práticas de jogos com bola, é organizado na principal forma que conhecemos hoje, transformado em negócio (muito rentável) e em profissão, mas não por isso deixou de existir enquanto prática de lazer e em suas diversas outras formas de jogar.

1.4 O FUTEBOL NO CONTEXTO NACIONAL: UMA HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL

São variadas as versões sobre o surgimento do futebol em nosso país. Tal como no restante do mundo, no Brasil não é possível precisar uma única forma de surgimento, tão pouco uma única data para o início da modalidade.

Muito se fala que o futebol chegou ao país através dos pés de Charles Miller e de outros estudantes de famílias abastadas que iam estudar fora do país e voltavam com a novidade do esporte. As histórias desses estudantes (principalmente a de Miller) são chamadas de “mitos fundadores” do futebol no Brasil.



VOCÊ SABIA?

Em relação aos mitos fundadores, ou seja, aqueles aos quais se atribuem a chegada do futebol no Brasil, além de Charles Miller (São Paulo), outro famoso caso é o de Oscar Cox, que teve trajetória similar no Rio de Janeiro.



Figura 3 - Charles Miller antes de uma partida na Inglaterra



Figura 4 - Oscar Cox, um dos fundadores e primeiro presidente do Fluminense

Contudo, paralelamente às histórias dos mitos fundadores, outros personagens também introduziam e difundiam o jogo pelo país, como marinheiros que aqui aportavam; jesuítas professores em suas escolas e também imigrantes (não somente os ingleses) que vinham morar nessas terras.

As regras e as formas de jogar foram apropriadas de maneiras diversas por grupos diferentes e o futebol teve seus usos modificados, conforme o interesse de quem o jogava e o organizava, principalmente desses.

À medida que o futebol se tornava um lazer popular e passava a depender cada vez mais da bilheteria dos jogos para se manter, crescia a difusão dos campeonatos e das partidas e o interesse em que o jogo tivesse cada vez mais adeptos, seja na prática do esporte ou no torcer.

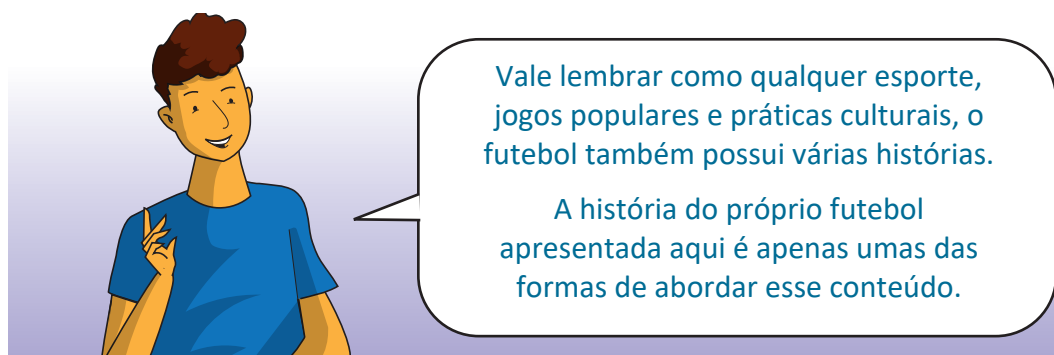
Mas durante todo esse tempo, as pessoas torciam e também jogavam bola de maneira livre, nas ruas ou em outros lugares, ainda que sobre essas pessoas a história não nos conte ainda muita coisa.



SAIBA MAIS

O futebol é repleto de histórias. Cada uma delas pode ser bastante enriquecedora para quem trabalha no PELC e VS. Neste sentido, vários filmes contribuem para uma visão mais ampla sobre o esporte e para o entendimento de como ele é repleto de histórias de jogadores, árbitros, torcedores e dirigentes, conhecidos e anônimos. Para saber mais sobre isso, entre vários, os filmes *Boleiros* e *Uma história de futebol* podem ser ferramentas interessantes.

1.5 FUTEBOL E RELAÇÕES LOCAIS



Muitas pessoas continuam construindo essa história do futebol fora das grandes arenas e dos grandes campeonatos (embora sempre de olho nesses).

Existem as histórias dos clubes de sua cidade, a história dos times amadores, dos times de colégios, de pessoas de sua comunidade que têm um envolvimento com o futebol. Não hesite em abordá-las! Tratar o futebol aproximando-o da realidade local é uma maneira muito interessante e motivante para quem está aprendendo, como você.

Ainda que o futebol se apresente na maior parte do tempo por meio da sua versão profissional, através dos grandes espetáculos, ele se pauta também nas relações dos indivíduos com a sociedade, com a cidade e com o bairro onde moram e com os lugares que frequentam, como em jogos amistosos entre clubes de bairro ou mesmo em peladas informais nas ruas que, às vezes, são interrompidas para a passagem de carros.



PARA REFLETIR

Você já parou para pensar porque chamamos alguns clubes de pequenos e outros de grandes? Geralmente essas noções são baseadas no que a mídia veicula de informações sobre os clubes. Um clube pode ser pequeno em relação ao tamanho de sua sede, mas grande em relação ao número de torcedores, grande em número de torcedores e pequeno em número de títulos etc. Enfim, o que chamamos de clube pequeno e clube grande varia conforme o nosso referencial.

É também com os elementos locais que a pessoa que conduz ou media as atividades relacionadas ao futebol precisa estar atenta. Quais são os espaços disponíveis para você trabalhar o futebol? A quadra, a praia, o campo, a rua? De onde vem as pessoas envolvidas no jogo? Como elas vivem o futebol em seu cotidiano? Essas são algumas perguntas que podem nortear o seu trabalho no PELC e VS.



SAIBA MAIS

O texto “O futebol de várzea como possibilidade democratizante” é outro exemplo de história que enfatiza o futebol a partir da realidade do futebol de várzea em São Paulo. Disponível em: <https://bit.ly/3vOslrw>.

Segundo dados do IBGE (2017), 38,8 milhões de brasileiros com mais de 15 anos praticam algum esporte no país. Destes, 15,3 milhões de pessoas praticam futebol como principal modalidade esportiva. O futebol é o esporte mais praticado em todas as grandes regiões do país: na Região Norte, 55,9% das pessoas com mais de 15 anos jogam futebol; na Região Nordeste, os praticantes desse esporte representam 48,8% dos praticantes; no Sul 35,1%; no Sudeste 33,3% e no Centro-Oeste 32,9%.

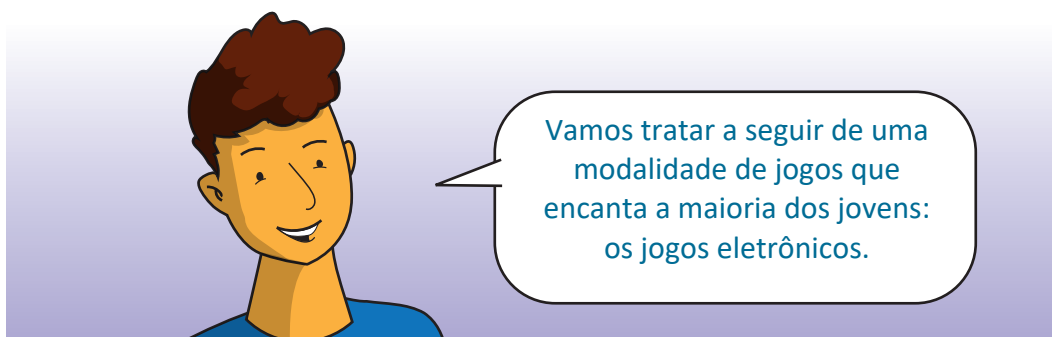
Cabe ressaltar que “a inserção no meio futebolístico não depende exclusivamente de praticar o esporte em si. O engajamento no universo futebolístico é possível enquanto torcedor” (NICÁCIO, 2012, p. 191). Quais as formas através das quais você se engaja com o futebol? Como jogador(a), torcedor(a)? De alguma outra maneira para além dessas? A partir de quais ações e em quais contextos?



Figura 5 - Torcedores acompanhando jogo

Assim como o jogar, o torcer também pode acontecer de diferentes maneiras. Há pessoas que torcem indo aos estádios e outras sem ir. O torcer acontece nos bares, nas casas, nas escolas, nas ruas, nos carros e em vários outros locais. Há os que torcem em torcidas organizadas, os que torcem sozinhos ou em grupos, sentados em frente à televisão ou ouvindo o jogo no rádio.

1.6 FUTEBOL E JOGOS ELETRÔNICOS



Os jogos eletrônicos são uma realidade para grande parte da população brasileira, principalmente para crianças, adolescentes e jovens. Neste universo, os *consoles* e aparelhos de celular são quase indispensáveis. Os *smartphones* tendo preços mais acessíveis, por exemplo, aumentam ainda mais o número de pessoas com fácil inserção ao mundo dos jogos eletrônicos. Os jogos de futebol, certamente, são os mais jogados, tanto as versões originais quanto as versões pirateadas dos jogos. Este fato mostra a relevância social que o futebol possui, como também o grande interesse das pessoas em jogar o futebol eletronicamente.



VOCÊ SABIA?

No Brasil, dentre os jogos eletrônicos mais vendidos, há um grande destaque para os jogos de futebol. No ano de 2016, no *ranking* dos dez *games* mais vendidos no país, quatro eram jogos de futebol, como o *FIFA 2017*, ocupando a primeira posição. Os outros três títulos eram o *Pro Evolution Soccer 2017* (terceiro lugar), o *FIFA 2016* (quinto lugar) e o *Pro Evolution Soccer 2016* (sexto lugar)¹.

A questão dos jogos pirateados se torna interessante na medida em que ao modificar os jogos ocorre a inclusão de informações que não existem no jogo original, como cantos de torcidas brasileiras, jogadores e clubes de menor expressão no Brasil.

Em relação à jogabilidade, ou seja, à facilidade ou não que um jogo oferece para ser jogado e à aprendizagem que acontece com a vivência dos jogos eletrônicos, destacamos as exigências do jogo em relação às múltiplas funções que o jogador deve desempenhar. Além de conduzir o time, ele precisa ser o treinador, o dirigente e, até mesmo, o cinegrafista, que deve selecionar a visão que os jogadores terão do campo durante a partida e controlar os *replays* dos lances.

Além do jogo proporcionar o conhecimento dessas diversas funções no campo esportivo, o(a) jogador(a) dos jogos eletrônicos pode aprender sobre esquemas táticos, posicionamento de jogadores e suas respectivas funções em campo, regras e diversas outras nuances do futebol. Desta forma, é interessante lançar mão dos jogos eletrônicos como ferramenta educacional e de lazer, neste duplo aspecto: possibilitar maior conhecimento sobre o esporte e ser uma atividade de grande apelo e interesse atualmente.

¹ Disponível em: <https://bit.ly/3cbbe0H>. Acesso em: 2 jun. 2021.

Atrelado a um conhecimento mais ampliado do esporte, o jogador ainda pode escolher as formas que irão jogar. Assim, optar, de acordo com cada partida, campeonato e adversário, como irá jogar e qual estratégia de jogo escolherá.



MULTIMÍDIA

Acompanhe a partida Brasil x Holanda, do jogo *FIFA 2017*, em https://youtu.be/WQcoTPxe7_8.

Existem vários vídeos na internet com jogadores gravando suas partidas e dando dicas de jogadas para outros jogadores e mostrando algumas curiosidades e detalhes dos jogos.

Existem ainda jogos eletrônicos em que o objetivo não é a realização e o controle das partidas e sim gerir os clubes e treinar/escalar o time. São os chamados jogos de manager.



PARA REFLETIR

Você já parou para pensar que os jogos de botão, mesa de totó, futebol de prego, as figurinhas e os seus álbuns são outras formas de “virtualizar” o futebol? Essas são formas de, assim como nos videogames, conhecer e “praticar” o futebol sem ir para a quadra, para o campo ou para a rua. Converse com os usuários do PELC e proponha um dia para jogar futebol sem suar a camisa! Vejam quais dessas outras formas de jogar futebol eles conhecem e organize um pequeno torneio de futebol virtual!

Esses jogos, assim como os anteriormente citados, podem ser uma forma de conhecer e aprender sobre futebol. Contudo, nesses jogos é enfatizada a questão econômica presente no esporte. Além de contratar jogadores é preciso sanar dívidas, cuidar do estádio, pagar salários, buscar patrocínios e outras responsabilidades inerentes a um dirigente.



SAIBA MAIS

Para saber mais sobre o assunto dos jogos eletrônicos leia o texto: PEREIRA, R. S.; SILVA, S. R. da. Aprender a chutar com as mãos: jogos eletrônicos e o ensino do futebol. In: SILVA, S. R. da *et al.* *O ensino do futebol: para além da bola rolando*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.

ATIVIDADE 1

Parabéns! Você chegou ao fim da primeira unidade do curso. Vamos agora refletir sobre algumas questões, a fim de adquirirmos um entendimento mais amplo do futebol contemporâneo?

1. Quais são as possíveis origens do futebol?
2. No Brasil, quais são as principais formas de entrada do futebol?
3. O futebol é o esporte mais praticado no país, mas isso não significa que ele é praticado apenas de uma mesma maneira, seguindo as mesmas regras. Quais as possibilidades de se praticar o futebol na comunidade na qual você está inserido?
4. Quais são as formas de torcer que você identifica em sua comunidade?
5. Como os jogos eletrônicos podem auxiliar no entendimento do futebol praticado com os pés?

SUGESTÃO DE RESPOSTAS

1. O futebol teve sua origem na Inglaterra, em meados do século XIX. Nesta época, toda a Europa passava por intensas mudanças econômicas e sociais, especialmente a Inglaterra.
2. Muito se fala que o futebol chegou ao país através dos pés de Charles Miller e de outros estudantes de famílias abastadas que iam estudar fora do país e voltavam com a novidade do esporte. As histórias desses estudantes (principalmente a de Miller) são chamadas de “mitos fundadores” do futebol no Brasil. Contudo, paralelamente às histórias dos mitos fundadores, outros personagens também introduziam e difundiam o jogo pelo país, como marinheiros que aqui aportavam; jesuítas professores em suas escolas e também imigrantes (não somente os ingleses) que vinham morar nessas terras.
3. O futebol se pauta também nas relações dos indivíduos com a sociedade, com a cidade e com o bairro onde moram e com os lugares que frequentam, como em jogos amistosos entre clubes de bairro ou mesmo em peladas informais nas ruas que, às vezes, são interrompidas para a passagem de carros.
4. Há pessoas que torcem indo aos estádios e outras sem ir. O torcer acontece nos bares, nas casas, nas escolas, nas ruas, nos carros e em vários outros locais. Há os que torcem em torcidas organizadas, os que torcem sozinhos ou em grupos, sentados em frente à televisão ou ouvindo o jogo no rádio.
5. Além do jogo proporcionar o conhecimento das diversas funções no campo esportivo, o(a) jogador(a) dos jogos eletrônicos pode aprender sobre esquemas táticos, posicionamento de jogadores e suas respectivas funções em campo, regras e diversas outras nuances do futebol. Desta forma, é interessante lançar mão dos jogos eletrônicos como ferramenta educacional e de lazer, neste duplo aspecto: possibilitar maior conhecimento sobre o esporte e ser uma atividade de grande apelo e interesse atualmente.



SÍNTESE

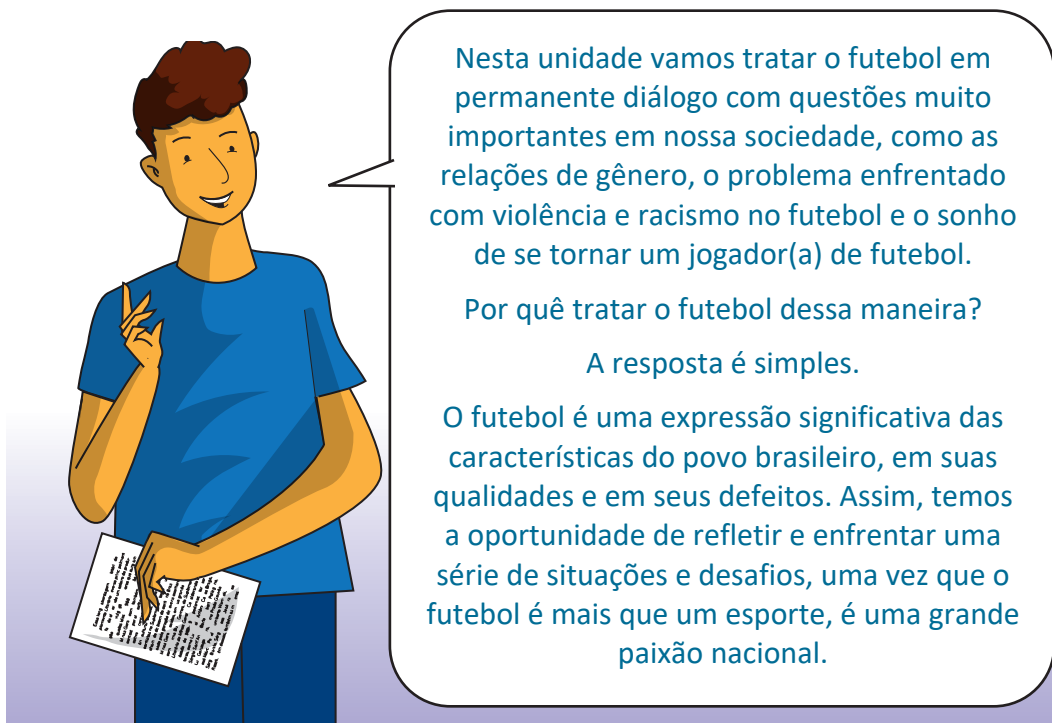
Alguns dos principais temas discutidos nesta unidade foram relacionados com o surgimento do futebol como prática recreativa e as formas de entrada, difusão e desenvolvimento do esporte no Brasil. Vimos que ele chega e se institucionaliza com certas regras que embasam o jogo como espetáculo e atividade econômica, mas que, não por isso, o futebol deixa de ser jogado como prática de lazer e nas mais diversas formas e lugares possíveis.

Por esse motivo, o futebol não deve ser trabalhado desligado da realidade local de seus praticantes. Da mesma forma que outros esportes e práticas corporais, o futebol não está aparte da sociedade na qual ele é vivenciado. Sendo assim, o esporte fornece modelos de conduta social, mas também é alimentado por essa conduta social.

Unidade

2

O FUTEBOL PARA ALÉM DA BOLA ROLANDO



Nesta unidade vamos tratar o futebol em permanente diálogo com questões muito importantes em nossa sociedade, como as relações de gênero, o problema enfrentado com violência e racismo no futebol e o sonho de se tornar um jogador(a) de futebol.

Por quê tratar o futebol dessa maneira?

A resposta é simples.

O futebol é uma expressão significativa das características do povo brasileiro, em suas qualidades e em seus defeitos. Assim, temos a oportunidade de refletir e enfrentar uma série de situações e desafios, uma vez que o futebol é mais que um esporte, é uma grande paixão nacional.

Tendo em mente essa premissa, seguem os assuntos que estarão contidos nesta unidade: futebol e profissão, violência no futebol, gênero e sexualidades no contexto do futebol e racismo no futebol. Fique bastante atento(a), pois apresentaremos uma série de indicações de leituras complementares, filmes, sites, entre outros recursos, para que você possa aprofundar os conhecimentos e atuar no seu núcleo do PELC ou VS podendo contemplar cada uma das temáticas propostas.

2.1 O FUTEBOL COMO PROFISSÃO

Ser jogador de futebol é o sonho de muitos meninos desde antes do futebol no Brasil se tornar profissional. Neste tópico se apresentam algumas questões relativas ao jogar futebol como profissão, dando ênfase às expectativas recorrentes da profissão que emergem das experiências lúdicas do brincar, do torcer e, também, da figura do jogador famoso exposta pelos veículos de comunicação. Em contraponto, apresentam-se realidades do mercado e da vida, como: a difícil transição de aprendiz para profissional e a carreira nem sempre bem remunerada de um jogador. Talvez muitas das crianças que chegam até o PELC estejam motivadas por uma possível aprendizagem para um futuro de jogador profissional.



Figura 6 - Meninos brincando com bola

Nos dias de hoje, a aprendizagem da profissão de jogador, que mais ou menos até o final dos anos 1980 acontecia principalmente nas “peladas”, na “várzea” ou nos “babas”², vai sendo substituída por um aprendizado formal, dentro dos centros de treinamento, dos clubes e nas escolinhas da modalidade que, não raramente, funcionam em parceria com algum clube de futebol.



SAIBA MAIS

Para saber como a formação do jogador de futebol se especializa, leia: FLORENZANO, J. P. *Afonso e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa, 1998.

Apesar do futebol profissional ser modelo para os outros futebóis jogados por aí, hoje em dia, dificilmente, um menino ou uma menina se tornarão jogadores somente jogando bola na rua, sem passar por um desses processos de formação mais institucionalizados. Essa formação institucionalizada, por sua vez, não garante ao jovem jogador ou à jovem jogadora uma vaga na categoria profissional e, muitas vezes, nem ser empregado como atleta.



Figura 7 - Atletas femininas jogando futebol

² Todos nomes utilizados em localidades no Brasil para se referir às partidas informais de futebol.

A passagem pelas categorias de base de um clube é apenas o início de um processo que desde cedo move as crianças – e seus pais, mães, tios, tias, avôs e avós etc. – a pensarem em investir na carreira de jogador profissional.

Os jovens jogadores são encaminhados, primeiramente, pela família ou um agente que intermedia a relação do atleta com o clube. A família é comumente o primeiro investidor do atleta profissional. Antes de entrar em um clube – possuindo este uma equipe profissional ou não – muitos desses garotos se sentem especiais, donos de um dom único que, com sorte, o fará famoso, rico e desfrutar de uma vida de lazer, privilégios e prazeres inacessíveis a outras pessoas.

Durante o percurso de sua formação, o atleta reúne entorno de si, cada vez mais, interessados na prática do seu futebol, principalmente por causa dos dividendos futuros que o investimento nela poderá proporcionar a alguns dos envolvidos na organização da prática e na administração da carreira do atleta.

2.1.1 Expectativas *versus* realidade do sonho e do mercado

Por conta da especialização precoce do jogador de futebol exigida pela profissão, muito do aspecto lúdico, fortemente presente na prática do futebol nas ruas e nas escolas, se perde em meio às responsabilidades e desafios da profissão. Por isso, é muito comum que um menino ou uma menina enfrente algumas decepções ao ingressar em um processo de formação para ser jogador, como veremos a seguir.

Sonhos e expectativas são comuns em pessoas que planejam seguir uma profissão. Não é preciso estatística para afirmar que ser jogador de futebol está entre as profissões mais desejadas, principalmente entre os meninos, que crescem assistindo na televisão narrativas sobre a vida de outros meninos, que conseguem viver confortavelmente com a remuneração dessa profissão e ainda provêm o sustento de muitos à sua volta, como apontado anteriormente neste item.



SAIBA MAIS

Nos últimos anos, também as meninas têm experimentado conviver com exemplos de sucesso no futebol feminino, embora as proporções desse sucesso e dessa exposição sejam bem menores. Para entender melhor a situação do futebol jogado por mulheres, acesse: <https://bit.ly/3pc5A3F>.

Dessa maneira, muitos jovens se aventuram nos testes – chamados comumente de “peneiras”, nome que, por si, sugere que muitos dos meninos que se submetem a essa experiência não serão integrados ao clube. Aliás, a maioria não será.

Difícilmente, alguém se tornará jogador sem um longo caminho de especialização que começa cada vez mais cedo. Embora, legalmente, a condição de aprendiz somente seja possível a partir de 14 anos, vários clubes operam em parceria com escolinhas de futebol que funcionam como sucursais nesse empreendimento.



SAIBA MAIS

Para saber como a formação do jogador de futebol se especializa leia: *DAMO, A. S. Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Editora Hucitec, 2007.

Os testes são muitas vezes o primeiro contato desses meninos com a realidade do futebol profissional, a qual vários garotos “bons de bola”, às vezes, se sentem o último dos jogadores, por não conseguir uma das poucas vagas daquele teste. Uns continuarão durante muito tempo insistindo em inserir-se em algum clube. Muitos outros, principalmente os que se dedicam aos estudos, às vezes cedo, escolhem (ou suas famílias escolhem por eles) não insistir mais. Outros, ao contrário, por insistência da família, nunca chegarão a se questionar se querem ou não ser jogadores.

Daqueles que desejam ser igual a um “Neymar”, a maioria seguirá anônimo na profissão e sem muitos recursos disponíveis para manter-se fisicamente e tecnicamente competitivos para o esporte de alto rendimento.

Não somente de jogar bola viverá o futuro futebolista. Empecilhos que atravessam a habilidade individual, ainda nas peneiras, são muito citados em conversas com jogadores em atividade e aposentados. Esses vão desde taxas e propinas exigidas para os jogadores testados até – em alguns casos extremos, mas não raramente citados – aliciamento direto de meninos, aos quais são oferecidos presentes e promessas de uma melhor colocação no clube ou no mercado em troca de favores sexuais.



MULTIMÍDIA

Assista ao filme *Linha de passe*, que é um exemplo de material que problematiza as dificuldades enfrentadas por meninos que querem ser profissionais. A trama traz a história de Dario, garoto nascido na periferia da cidade de São Paulo que sonha em ser jogador, mas está na idade limite para se inserir num processo de formação profissional, lidando com seus sonhos e suas possibilidades.

Nesse processo de profissionalização, os jovens se deparam com uma realidade na qual o brincar e o torcer vão sendo substituídos por uma rotina de repetição de técnicas e táticas e as experiências de um futebol mais livre acabam sendo reduzidas.

Para os que superam as adversidades, a rotina de trabalho ainda na base, por mais que seja considerado como aprendiz, é muito semelhante a do futebol profissional, o que em diversos casos torna difícil conciliar o futebol nas categorias de base com a educação formal. Do seletivo grupo de jogadores que consegue inserir-se em algum clube, muitos desistirão da carreira no meio do caminho e a preparação desses para outras escolhas profissionais na vida acaba sendo incipiente.



Figura 8 - Disputa pela bola

Para os que persistem na profissão, quanto mais valor o jogador (e seus investidores) agrega à sua figura, mais impulsiona os valores por ele recebidos na sua profissão. Por conta disso, muitos são os interessados em administrar a carreira de um jogador de futebol, o que, por diversas vezes, coloca o atleta a parte do controle de sua renda.

Os jogadores famosos conseguem obter, em alguns poucos casos (se comparado ao total de jogadores que não desfrutam da mesma situação), uma renda mensal de valores impensáveis para outras profissões. Quanto mais *visível* for o jogador no mercado, maiores as chances de se conseguir um contrato de altos valores monetários.

Por conta disso, é comum que se pense que a profissão de jogador seja dominada por momentos de prazer extremo, seja dentro ou fora de campo. Muitas vezes não se leva em conta que muito do aspecto lúdico da prática se perde na medida em que o jogar se torna uma responsabilidade. E que os momentos de prazer são seguidos por rotinas alimentares, de treinamento e de convivência social restrita. Além disso, a convivência com lesões frequentes ameaça constantemente a carreira, uma vez que contusões mais sérias podem impossibilitar a competição em nível profissional. Os que no momento da aposentadoria desfrutam de alguma fama, em alguns casos, inserir-se no mercado de comentaristas ou na carreira política (DANTAS, 2016).

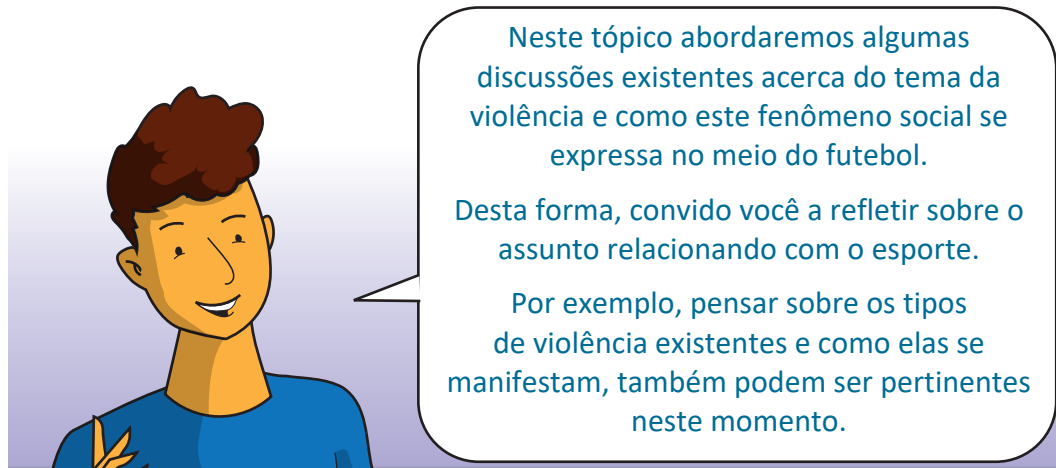


PARA REFLETIR

Possivelmente, dentre os usuários do PELC, há histórias de pessoas que um dia tentaram se inserir no mercado do futebol profissional. Em suas intervenções, você pode lançar mão dessas histórias para discutir as particularidades dessa profissão. O que você acha dessa proposta? Como torná-la viável?

No caso dos jogadores sem fama, nacional ou internacional, a maioria, quando persiste na profissão, raramente consegue contratos por tempo maior que a duração de um campeonato de segunda ou terceira divisão – de três a seis meses – muitas vezes enfrentando, também, longos períodos de desemprego durante os quais permanece constantemente a tensão entre persistir na carreira ou procurar outro emprego que exija menos ou outra qualificação.

2.2 FUTEBOL E VIOLÊNCIA



Inicialmente gostaríamos de salientar que a violência presente no futebol é a violência que está presente também em outros ambientes no nosso cotidiano. Ou seja, a violência é um fenômeno social amplo e como o futebol está inserido nesta sociedade não é possível que este esporte fique imune a estas questões. Desta forma, nosso papel aqui é entender como a violência fica evidente no futebol, pois um melhor entendimento pode auxiliar na educação dos sujeitos e, como consequência, combater atitudes violentas, não só dentro como também fora dos estádios e na compreensão de que o futebol não precisa ser motivo para desencadear atitudes ou comportamentos violentos.

2.2.1 Violência no futebol

Neste item iremos estudar como a violência se expressa no futebol. Tanto no jogo quanto na torcida. Você já presenciou ou foi vítima de algum evento de violência no futebol? E em outros esportes? Já viveu alguma experiência neste sentido? Alguns estudiosos (como Norbert Elias) defendem a ideia de que os esportes foram “criados” justamente para que pudessem ser espaços onde a violência entre os praticantes acontecesse de forma controlada. A prática esportiva tinha o papel de ocupar o espaço de outras práticas corporais onde a violência era exacerbada. Em resumo, segundo estes teóricos o esporte foi criado justamente para que essa violência pudesse ser extravasada.

Em relação às torcidas a violência no futebol não é algo recente. Pesquisadores já conseguiram acessar fontes que mostram registros de “sururus” (como eram chamados os casos de brigas dentro do estádio) entre a torcida no início do futebol no país, por volta dos anos de 1910, 1920... É claro que a dimensão e consequências desses acontecimentos era muito menor do que vemos hoje, mas o futebol de maneira geral ainda era uma novidade, ainda não possuía o apelo que ganhou com o passar dos anos.

Além de não ser novidade no futebol, a violência também se apresenta de variadas formas entre os torcedores. Existe a violência mais evidente e midiática, que é a violência real ou física. Mas ainda podemos citar a violência simbólica, onde o “rival” é atacado por meio de gestos, destruição ou menosprezo de símbolos, bandeiras, camisas e outros que são importantes para ele. Temos ainda a violência verbal, sendo essas, certamente mais presentes no dia a dia dos estádios brasileiros.

Partidas decisivas, em que a tensão é alta, não somente dos jogadores, mas também entre os torcedores, são momentos em que a preocupação com a violência dentro e fora de campo também se eleva. No Brasil, o caso mais emblemático foi na partida do sub-20 entre São Paulo e Palmeiras, na final da Copa São Paulo do futebol júnior no ano de 1995. Além de se tratar de uma final, mesmo que de uma categoria inferior, o encontro era entre dois grandes rivais locais.

Os responsáveis pelo torneio levaram a partida para o estádio Pacaembu, mesmo estando em reforma. Assim, com a confusão instaurada, os torcedores utilizaram pedaços de paus e pedras ali presentes como armas e partiram para o confronto. Com este episódio a busca por um controle, por parte do poder público, da violência se tornou incessante.

Fatos como estes acabam proporcionando o afastamento da torcida, diminuindo o público presente e provocando um esvaziamento dos estádios. Há também o discurso que por esses motivos o melhor é não levar a família ao estádio por medo da violência, mesmo que esses confrontos raramente aconteçam dentro dos estádios brasileiros.

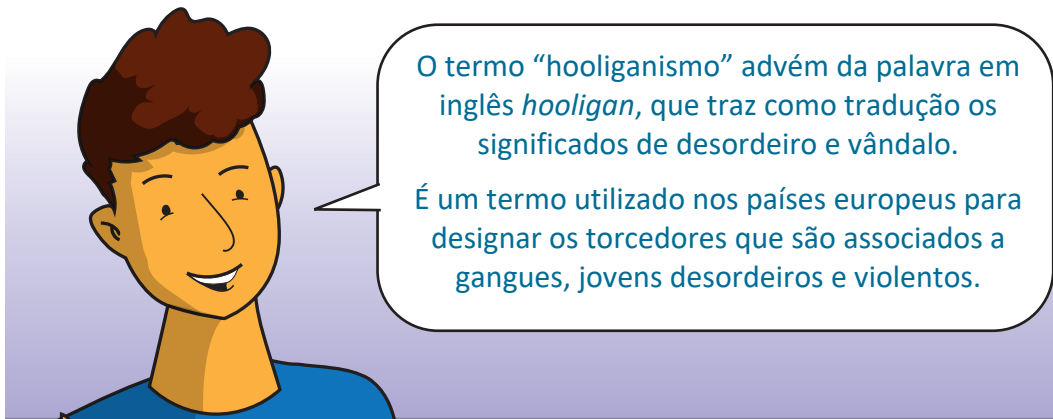


SAIBA MAIS

Para conhecer melhor o Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT), acesse: <https://bit.ly/3caj1vq>.

No Brasil, vimos a tentativa do poder público de controlar atos violentos que rondam o futebol, ao sancionar o EDT, formulado em 2003 e com alterações no ano de 2010. A diminuição da violência está entre seus principais objetivos, como por exemplo, “proibição da entrada nos estádios de torcedores que já participaram de brigas”. Além disso, alguns estádios brasileiros começaram a passar por modificações tendo, por exemplo, que instalar cadeiras nas arquibancadas e fazer a implantação de câmeras e salas de monitoramento de imagens.

2.2.2 Violência na Europa: os *hooligans*



Vários episódios de violência envolvendo torcedores já foram registrados, mas um dos principais casos foi presenciado na final da Copa dos Campeões da Europa realizada na Bélgica. A disputa ocorreu entre os times Liverpool da Inglaterra e Juventus da Itália. Durante a partida, torcedores do Liverpool que dividiam a arquibancada com os torcedores do Juventus iniciaram um confronto. Grande correria foi iniciada e na tentativa de fuga muitos torcedores foram esmagados e sofreram asfixia. O resultado dessa tragédia foi de 39 mortes e 600 feridos.

Outro ponto que merece ser destacado é que, apesar do termo *hooligan* trazer a questão do vandalismo em seu significado, há uma dificuldade de estabelecer uma definição concreta para esse fenômeno em contextos culturais diferentes daquele em que ele foi criado, uma vez que remete a um comportamento tipicamente inglês. Porém, apesar do termo, pesquisadores da área defendem que o hooliganismo no futebol é um fenômeno universal.

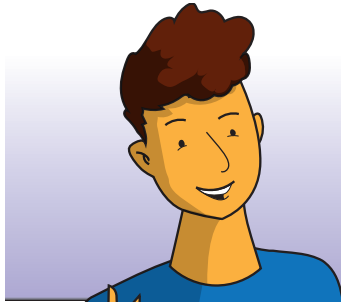
Com esse e outros episódios se tornando cada vez mais recorrentes, algumas medidas começaram a ser tomadas em diversos países europeus e entre essas medidas se destaca o Relatório Taylor que implementou várias medidas para o aumento da segurança nos estádios. Essas medidas acabaram “expulsando” muitos torcedores dos estádios que utilizaram como alternativa a frequência aos bares para torcer.



MULTIMÍDIA

Para visualizar melhor como agem e se organizam os torcedores europeus denominados *hooligans*, indicamos o filme de 2005, *Hooligans (Green Street Hooligans)*. O filme mostra a ida de um norte-americano para a Inglaterra e que passa a fazer parte de uma torcida e acaba compreendendo as motivações e a paixão desses torcedores.

2.2.3 Torcidas organizadas



No Brasil, no fim da década de 1960 e início dos anos 1970, tivemos o aparecimento das primeiras Torcidas Organizadas (TOs) dos clubes de futebol brasileiros. Essas torcidas tinham o intuito de apoiar o time e organizar a festa nas arquibancadas.

De acordo com uma pesquisa realizada com as TOs de clubes de Belo Horizonte, pelo GEFuT, foi possível ver que o perfil dos membros dessas torcidas é heterogêneo. Nesse estudo é demonstrado uma miscigenação de raça, credo, gênero, classe social, faixa etária e outros. Ou seja, não existe uma relação direta entre os torcedores mais pobres e a violência.

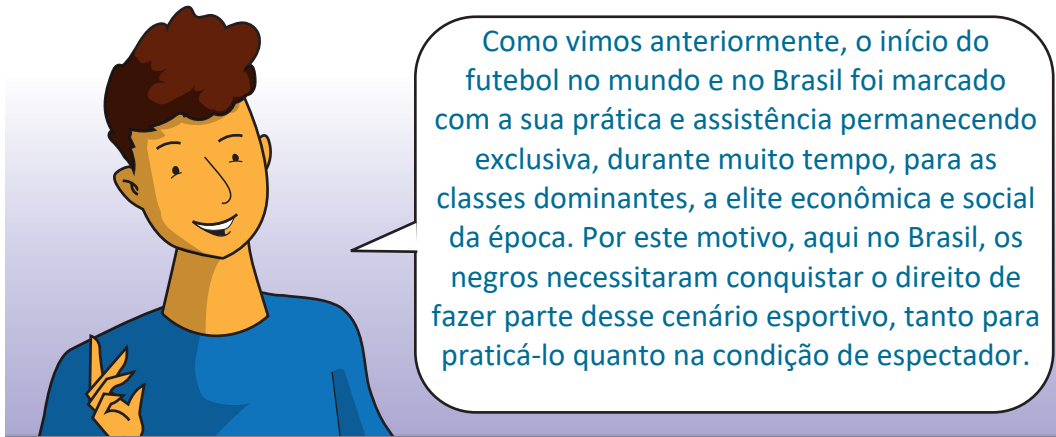
Podemos identificar em notícias relacionadas a atos de violência envolvendo torcedores de futebol que os mesmos são, muitas vezes, pertencentes a torcidas organizadas. A partir disso, ocorre uma generalização que a violência está presente no futebol por causa de torcedores organizados. Além disso, podemos perceber que se faz a relação direta de que os membros são provenientes de classes sociais mais desfavorecidas. Algumas pesquisas criticam essa generalização e apontam uma diversidade social, etária e de conduta entre os membros das torcidas organizadas. O que acontece é que, por causa de alguns indivíduos, há uma criminalização das TOs e de seus pertencentes.



ATIVIDADE NO AVA

Como vimos nesse tópico, a violência pode se expressar de diversas formas, que os torcedores organizados acabam recebendo quase toda a responsabilidade por problemas com a violência física. Vimos também que o esporte acabou se tornando uma válvula de escape para a manifestação de comportamentos violentos controlados. Faça uma experiência e pergunte aos usuários do PELC e a outros conhecidos o que eles entendem por violência no futebol. Quem é o principal responsável por este problema? Após ouvir as opiniões proponha um debate e exponha as ideias aqui apresentadas para instigar essa conversa.

2.3 RACISMO NO FUTEBOL



Neste tópico, gostaríamos de apontar alguns fatos que caracterizam este problema no Brasil, refletir sobre o racismo e estudar um pouco as maneiras com que ele se apresenta, uma vez que entendê-lo e saber identifica-lo pode ser o primeiro passo para o enfrentamento dessa violência.

Inicialmente, é importante salientarmos a existência do mito da “democracia” racial no Brasil. Uma ideia construída de que no nosso país existe uma pacífica e harmoniosa convivência entre brancos e negros. Onde as oportunidades são oferecidas de modo igualitário a todas as pessoas. Julgamos importante que esta premissa seja questionada e desconstruída, pois se acreditarmos nesse cenário, o racismo acaba sendo silenciado e perpetuado.

Alguns autores apontam a existência de um racismo à brasileira, caracterizado por movimentos de inclusão (um destes espaços é o futebol) e exclusão (principalmente em locais de poder), além de uma naturalização de atos nitidamente preconceituosos.

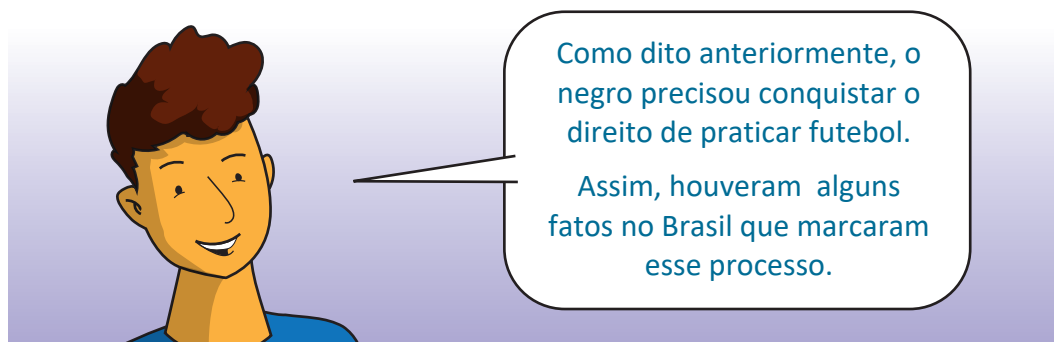
No futebol, no entanto, precisamos também perceber que a inclusão de negros e negras é dada em determinado espaço, ou seja, dentro de campo. Em atribuições como gerência, treinamento, diretoria e presidência, por exemplo, é quase inexistente a presença de negros e negras. Com um agravante, em quase todos esses postos de trabalho é bastante comum a presença de ex-atletas, portanto existe um grande número de pessoas negras que poderiam ocupar cargos no futebol fora das quatro linhas.



FIQUE ATENTO

Diversas entidades, federações e confederações de futebol fazem campanhas contra o racismo. Procure observar essas campanhas na internet, na televisão e nos estádios e perceber como elas são veiculadas. Quais mensagens elas buscam transmitir e, assim, perceber qual é a manifestação de racismo que elas buscam extinguir. Pense em alguma forma de tornar estas campanhas mais eficazes.

2.3.1 A inserção do negro no futebol brasileiro



O início do futebol é marcado por sua prática estritamente amadora. Dessa forma, os praticantes do futebol o faziam nos momentos de lazer, em momentos do não trabalho. E isso dava ao futebol um caráter de distinção e de uma prática bastante ligada ao divertimento das elites. Isso por si só já afastava os negros, pois, os mesmos não ocupavam (e ainda pouco ocupam) esse estrato social.

Graças à popularização do esporte, o futebol acabou deixando de ser parte do gosto apenas das classes dominantes. Jogos, clubes periféricos e operários passaram a surgir. Ainda, devido à rápida popularização do futebol sua prática foi deixando de ser exclusivamente amadora e deu espaço a possibilidades de profissionalização, diminuindo assim uma das maiores barreiras para a participação dos negros no futebol.

É interessante ressaltar o caso de dois grandes clubes brasileiros que se comportaram de forma antagônica em relação a presença de negros em seus plantéis. O Clube de Regatas Vasco da Gama e o Grêmio de Football Porto-alegrense. O Vasco ganhou certa fama de pioneiro na luta contra o racismo no futebol. O time cruzmaltino conquistou o campeonato carioca no ano de 1923, tendo no time vários jogadores negros. Devido esse episódio, as demais equipes cariocas (Fluminense, Botafogo, Flamengo e América, entre outros) formaram outra liga de clubes de futebol com alguns critérios sociais que acabaram excluindo o clube vascaíno.

Certamente, o Vasco não foi o primeiro clube a inserir negros no seu time, além de existir dúvidas quanto as reais motivações dessa atitude. Mesmo assim foi um acontecimento importante na história do futebol brasileiro. O Grêmio, por sua vez, é tido como o último clube no Brasil a aceitar atletas negros em seus elencos. Tal proibição era referendada e fazia parte do estatuto do clube, que só foi modificado no ano de 1952, ano em que aconteceu o ingresso do jogador negro Tesourinha.

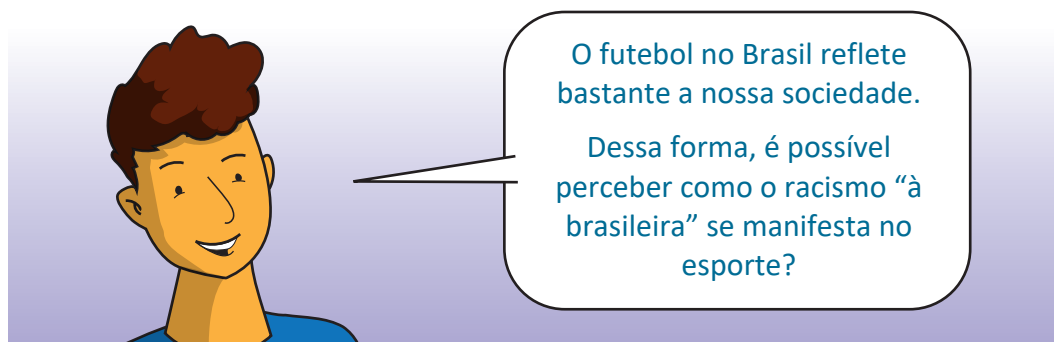


MULTIMÍDIA

Assista ao filme *Preto contra branco!*

Existem alguns filmes para abordar e problematizar a questão do racismo no Brasil. Um dos bons filmes feitos abordando o tema é preto contra branco, de 2004. O filme discute a questão do preconceito e da identificação racial no Brasil. Para isso, usa como referência um “clássico” do futebol de várzea que desde 1972 opõe anualmente brancos contra negros. Quase todos os jogadores são moradores de dois bairros da periferia de São Paulo.

2.3.2 A necessária e atual discussão racial no futebol



Mesmo após todos esses anos procurando a inclusão e reivindicando o direito de fazer parte do mundo do futebol, os negros precisam cotidianamente enfrentar o racismo. Rapidamente, podemos citar casos recentes que ocorreram com jogadores brasileiros, como o então jogador do Cruzeiro Esporte Clube, Tinga, que foi hostilizado por torcedores do Real Garcilaso, no Peru, em uma partida da Libertadores; o goleiro Aranha, quando atuava pelo Santos, em uma partida contra o Grêmio pela Copa do Brasil; e, finalmente, Daniel Alves, quando ainda atuava pelo Barcelona e teve bananas atiradas em sua direção pela torcida adversária.

Esses três casos tiveram grande repercussão e geraram comoção e debates sobre o tema. O goleiro Aranha, ao sofrer o ato de racismo, protestou com veemência e foi imediatamente repreendido, sendo inclusive punido pelo árbitro da partida. O meio campista, Tinga, continuou atuando e deu declarações sobre o fato após o jogo, se mostrando bastante indignado com a situação e cobrando providências da Confederação Sulamericana de Futebol (CONMEBOL) e dos demais órgãos responsáveis. O lateral Daniel Alves procurou lidar de forma diferente. Ele optou por pegar uma banana que havia sido arremessada e comê-la durante a partida. Tendo inclusive realizado uma assistência após o feito. Ao ser entrevistado após a partida, declarou que a banana havia ajudado para que tivesse força.

Qualquer uma das atitudes tomadas por esses jogadores deve ser entendida, já que ao sofrer uma agressão as reações podem ser as mais diversas. A questão é: o que fazer após episódios como esses? No caso do goleiro Aranha, o Grêmio foi excluído da competição que estava disputando com o Santos, a Copa do Brasil. Em relação ao clube e à torcida peruana, apenas uma multa foi aplicada.



PARA REFLETIR

No caso de discriminação racial sofrida pelo goleiro Aranha, o grande ídolo santista, Pelé, fez um pronunciamento bastante polêmico. Segundo o ex-jogador, “o Aranha precipitou-se um pouco querendo brigar com a torcida. Se eu fosse parar o jogo ou gritar desde quando comecei a jogar, na América Latina, aqui no Brasil e no interior, toda vez que me chamassem de crioulo ou de macaco, aí todo jogo teria que parar. O torcedor, dentro da sua animosidade, ele está gritando ali. A gente tem que coibir o racismo, mas acho que não é tudo que vai coibir”. Converse com conhecidos amigos e familiares sobre esse caso e essa fala. Perceba as reações das pessoas e de que forma elas irão se posicionar em relação à fala do Pelé. Em sua opinião, sendo um grande nome do futebol e negro, qual seria a atitude adequada do Pelé?

Em todos os casos de racismo citados, vimos várias pessoas, públicas e anônimas, que em suas falas pregavam certa naturalização das ofensas racistas. Esse fato deixa evidenciado que no futebol este tipo de violência ainda é associado ao “calor do momento” e da disputa. Para estes, o termo macaco é ofensivo e inapropriado, contudo “no calor da partida” essas ofensas são proferidas sem consciência ou intencionalidade.

O contexto de permissividade do futebol “autorizando” manifestações preconceituosas, naturalizando-as e inocentando-as é bastante comum. É necessário, portanto, que busquemos a desnaturalização dessas formas de racismo, a partir da compreensão de que tais manifestações colaboram para reafirmar um lugar de inferioridade para os negros no futebol.

Mais que punições, precisamos de educação e respeito às diferenças. E a educação é o meio que estamos presentes e inseridos e devemos utilizar deste recurso para uma aposta, uma tentativa de mudança por uma sociedade mais igual e menos intolerante. Você já pensou sobre isso?

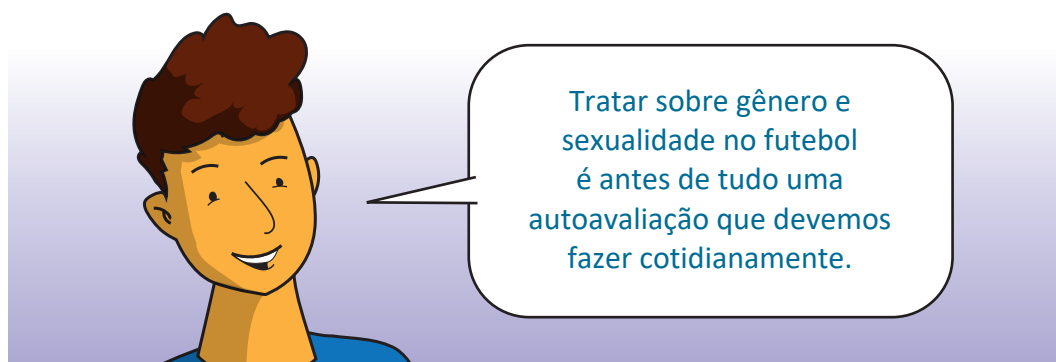


SAIBA MAIS

Acesse a página do Observatório da Discriminação Racial no Futebol: <http://observatorioracialfutebol.com.br/>.

Existem diversos trabalhos acadêmicos e da sociedade civil organizada que falam sobre as conquistas dos negros e denunciam em quais aspectos ainda precisamos avançar. Contudo, essa iniciativa se destaca quando o assunto é o racismo no futebol. Nesse *site* você terá acesso a uma espécie de síntese do que foi discutido ao longo desse tópico, além de ter em mãos informações atuais e outras novidades sobre a temática.

2.4 GÊNERO E SEXUALIDADE NO FUTEBOL



Quem já não se viu reafirmando estereótipos ou frases preconceituosas sobre os gays? E sobre as mulheres? Isso se deve ao fato de sermos educados desde criança de forma machista e heteronormativa. As frases “futebol é coisa para macho”, “ele joga como mulherzinha” e “marcação homem a homem”, são exemplos que não são incomuns de serem ouvidos e são afirmações que explicitam o entendimento de que o futebol foi criado para ser praticado apenas por homens (e um estereótipo específico de homem).

Com essa realidade presente, pensamos ser de extrema importância discutir as convenções de gênero e sexualidade que vemos no futebol. No jogo, no torcer e nos outros espaços, que o futebol

possibilita, vemos que é quase exclusiva a presença de homens. Vemos que há uma desconsideração ou desvalorização da existência e da presença da mulher no meio do futebol. Além de rechaçar outras formas de ser homem, criando dificuldades e empecilhos para a participação no futebol daqueles que destoam dos padrões desejados, especialmente mulheres e homossexuais. E você? Já viu ou presenciou situações no futebol onde a presença de mulheres ou de homossexuais foi impedida ou dificultada? Tente observar, mais atentamente, seu cotidiano e procure perceber se essa realidade está presente em sua comunidade.

Para tratarmos desse tema vamos trabalhar com os conceitos de gênero e sexualidade, dando exemplos.

Por *gênero* entende-se a condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos e femininos. Ou seja, não é exclusivamente a condição biológica do indivíduo e sim as construções sociais e culturais que fazemos sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. Um exemplo clássico de uma questão de gênero está nas cores que são pensadas para as roupas de meninas e meninos, o rosa e o azul respectivamente ou os presentes nos aniversários: bola para meninos e bonecas para as meninas.



MULTIMÍDIA

Assista ao filme *Billy Elliot!*

Para saber mais e ver um exemplo de uma questão de gênero interessante envolvendo o esporte, o filme *Billy Elliot* (2000) é uma ótima opção. Billy é um garoto de 11 anos obrigado pelo pai a treinar boxe. Ao ocasionalmente conhecer e experimentar o balé, o garoto se encanta pela dança. Incentivado pela professora, que vê em Billy um talento em potencial, ele resolve então abandonar o boxe e se dedicar à dança, mesmo tendo que enfrentar a contrariedade de seu irmão e seu pai em sua nova atividade.

Já a *sexualidade* envolve comportamentos, relações e identidades sociais construídas historicamente, que permitem homens e mulheres viverem de determinados modos, viver seus desejos e seus prazeres sexuais. Neste sentido, a orientação sexual diz respeito a parte desse desejo afetivo ou erótico. Essa orientação se expressa por pessoas do mesmo sexo (homossexualidade), do sexo oposto (heterossexualidade) ou ambos sexos (bissexualidade). Neste item, destacaremos como a discriminação se expressa e quais são as dificuldades que as pessoas que saem do “padrão” da heterossexualidade enfrentam no futebol.



FIQUE ATENTO

Gênero e orientação sexual estão relacionados. No entanto, não são a mesma coisa e também um não é determinante do outro. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais. Nesse sentido, não é um desvio ou um problema as pessoas que não são homens e heterossexuais tenham interesse no futebol ou não se sintam capazes de praticá-los.

Um mito que é preciso ser desconstruído é que as mulheres que gostam e praticam futebol, por estarem em um universo “supostamente” masculino, são lésbicas. E mesmo que existam mulheres homossexuais no meio do futebol, isto não deve ser visto como um problema ou um impedimento para que mulheres heterossexuais também participem do futebol. A definição de

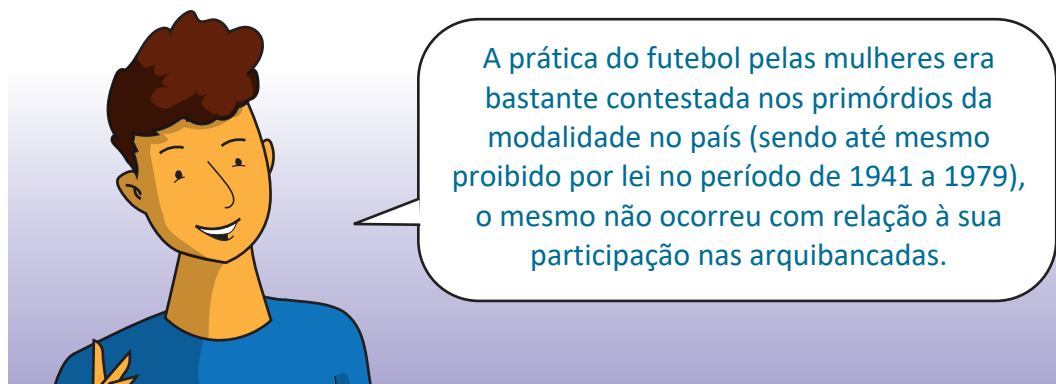
sua orientação sexual (heterossexual, homossexual, bissexual) não depende e não determina seus comportamentos, gostos, habilidades e interesses.



SAIBA MAIS

Para um aprofundamento nessa discussão sobre o futebol feminino e melhor intervenção junto ao PELC e VS, busque e consulte o livro de Eriberto José Lessa de Moura intitulado *Nos domínios do futebol feminino: Rio de Janeiro e São Paulo como cenário (1913-2013)*.

2.4.1 Mulheres no futebol



Desde os períodos iniciais da prática do futebol em território brasileiro, as mulheres pertencentes à elite eram incentivadas a ir ao campo contemplar e apoiar os homens. Essa participação feminina era legitimada caso estivessem acompanhando uma figura masculina (pai, marido, irmão, etc..). A popularização do futebol provocou a entrada das classes populares nesse espaço e a presença feminina, principalmente das elites, passou a ser cada vez mais inibida. Acompanhamos, recentemente, uma maior participação das mulheres nas arquibancadas com as reformas para a Copa do Mundo de 2014, principalmente nas grandes capitais do país. Mas para não ser apenas um movimento momentâneo é preciso políticas de manutenção das mulheres nestes espaços.



Figura 9 - Torcida acompanhando uma partida de futebol

Em relação à prática do futebol, as mulheres continuam em busca do espaço que merecem, tanto no futebol profissional quanto no futebol amador e de lazer. Fomentar e apoiar o futebol praticado por mulheres vai além da garantia de um direito, é preciso um posicionamento ante a desigualdade e discriminação existente. Para além da afirmação constante de que o espaço do futebol é “demasiadamente masculino” para acolher as mulheres, outro elemento fundamental para a reflexão sobre o futebol como opção de lazer das mulheres: o reconhecimento do seu interesse pela modalidade. Como o futebol é visto como prática tipicamente masculina, como já expusemos anteriormente, uma mulher que se interessa por esse esporte é comumente vista com desconfiança, é isso que precisamos abolir. Você já parou para pensar nisso?



PARA REFLETIR

Para uma reflexão acerca do tema futebol e mulheres, indicamos o filme *Driblando o destino* (2012), cujo o título em inglês é *Bend it like Beckham*. Esse filme britânico conta a história de uma garota indiana que adora futebol, mas devido a seus costumes é proibida pela família. Convide os usuários do PELC ou VS para assistirem juntos ao filme e após organize uma discussão com todos e todas. A realidade mostrada pelo filme já foi superada? Vemos situações como esta no Brasil?

A proibição à prática feminina no futebol, já citada, só deixou de ser lei em 1979 e logo após equipes começaram a ser criadas. Além desse atraso temporal no fomento do futebol feminino, existiu e ainda existe muito pouco investimento e visibilidade para o esporte. Historicamente, é possível verificar diversas dificuldades que se apresentaram e ainda se apresentam para as mulheres a sua plena participação no futebol, não somente como jogadoras, mas também como torcedoras, treinadoras, árbitras e dirigentes.

Além do futebol amador e profissional praticado por mulheres, temos também o futebol escolar e de participação que devemos promover e incentivar de forma especial, pois, serão neles que as meninas que gostam do futebol e que, por vezes, não conseguem praticá-lo, pelos diversos motivos que apontamos aqui, poderão acessar o esporte com menor dificuldade e preconceito. Recentemente, o PROFUT, lei federal que renegocia as dívidas dos clubes com a União, adotou uma série de contrapartidas a serem implementadas, uma delas é que as equipes que aderirem a esse programa devem formar equipes femininas nas categorias profissional e de base. Ainda há muito a ser feito para que o futebol praticado por mulheres alcance o patamar que merece, mas é no dia a dia que devemos buscar os meios e lutar para que isso aconteça. Você conhece algum projeto ou iniciativa que ajude as mulheres, que gostam de jogar futebol, a se inserir no esporte?



Figura 10 - Seja no futebol profissional...

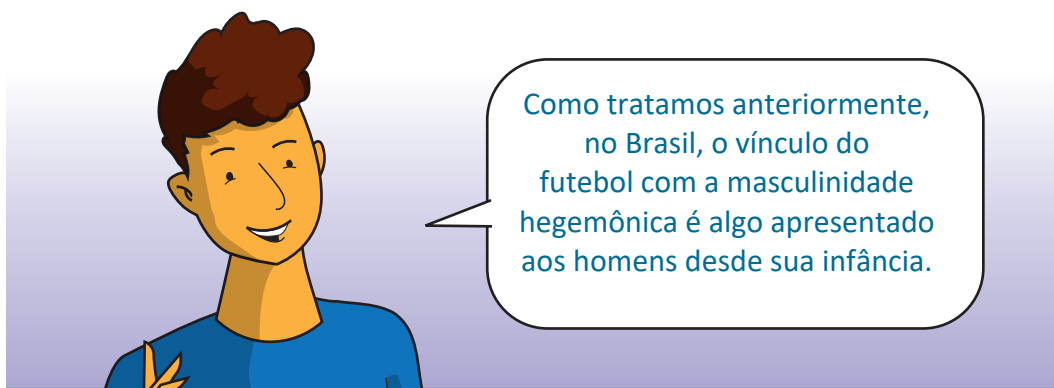


Figura 11 - ...ou no lazer...



Figura 12 - ...incentivo e respeito é o que as mulheres precisam receber.

2.4.2 Homofobia no futebol



Desde cedo, os meninos são cobrados a torcer por uma equipe e têm no jogo de futebol um espaço importante de socialização com seus pares. Virilidade, força e agressividade são impostos para os homens como valores obrigatórios, requisitos de uma masculinidade “natural” e “correta”. Quando os homens e meninos são gays essa situação fica ainda mais violenta, pois acabam sendo alvos de xingamentos e até mesmo agressões.

As ofensas de cunho homofóbico, como “viado” “bicha” “bambi” e outras, fazem parte da linguagem a que se recorre para desqualificar o adversário. Muitas vezes, essas ofensas ocorrem entre conhecidos, num clima de brincadeira e amizade. O problema é que essas brincadeiras podem reafirmar a ideia de inferioridade das sexualidades que fogem da heteronormatividade.

A homofobia se expressa pela aversão, desprezo, ódio, desconforto, reações de caráter psicológico e de cunho social que produzem e reproduzem formas de preconceito, discriminação e violência contra homossexuais, bissexuais e transgêneros. Neste sentido, ao analisar uma ofensa verbal, como por exemplo um jogador que chama seu adversário de “bicha”, a questão principal não é se o alvo da ofensa é ou não gay e sim a manutenção da visão da homossexualidade como uma característica negativa (no futebol e fora dele) e, por isso, uma característica digna de ser hostilizada.



MULTIMÍDIA

Dizer que as pessoas homossexuais e transgêneros não se interessam por esporte e por isso mesmo devem ser rechaçados desse espaço é uma inverdade. Várias são as manifestações dadas por este público que evidenciam o apreço que possuem pelo esporte e pelas competições esportivas. Dois dos jogos mais conhecidos são: *Gay Games* (<https://gaygames.org/wp/>) e *Out Games* (<http://www.outgames.org/>). Acesse os sites dos jogos e conheça o histórico dos jogos, países e atletas participantes, os objetivos e a dinâmica dos esportes praticados.

Além da busca por possibilidades de prática esportiva sem a necessidade de esconder a orientação sexual, muitos torcedores e torcedoras homossexuais decidiram lançar mão das redes sociais para conseguirem expressar sua paixão clubística e, de certa forma, participar da vida do clube do coração. Esse fato é ao mesmo tempo animador e preocupante. Anima, pois, vemos que quando iniciativas como essas acontecem o debate sobre este torcer começa a ocorrer e este é um primeiro passo para tirar o assunto da invisibilidade e combater a discriminação. Contudo, se essas formas são tão buscadas por homossexuais significa que eles ainda não são bem-vindos nos estádios, ainda não se sentem seguros e se “escondem” nesses espaços, situação totalmente preocupante e absurda.



VOCÊ SABIA?

No ano de 2016, foram registradas 343 mortes de pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transexuais (LGBTs) no Brasil. Isso leva ao terrível número de, aproximadamente, um assassinato de um LGBT a cada 25 horas. O Brasil é o país que mais mata a sua população de minorias sexuais.

Estas comunidades das redes sociais, também chamadas de torcidas livres, objetivam combater o preconceito no espaço futebolístico e buscam o direito de torcedores e torcedoras LGBTs se manifestarem dentro dos estádios. As torcidas mais conhecidas são a Galo *Queer*, Bambi Tricolor, Palmeiras Livre, *Queerlorado*, Grêmio *Queer* e Cruzeiro Maria.

No contexto do futebol profissional, alguns episódios de homofobia se tornaram bastante conhecidos. Um protagonizado por Emerson Sheik e outro por Richarlyson. Emerson Sheik, quando jogador do Corinthians, postou uma foto em que dava um “selinho” em um amigo em uma rede social. Isso gerou uma grande repercussão e uma reação enfurecida da maior parte dos torcedores de seu clube. A reação chegou, inclusive, a fazer com que ele se desculpasse pelo feito. Pouco tempo depois o jogador deixou o clube.

Richarlyson, que já atuou, entre outros clubes, pelo São Paulo, Atlético Mineiro e Chapecoense é vítima constante do rancor homofóbico. Todo erro seu é automaticamente justificado por sua suposta homossexualidade. Durante muito tempo, ele foi ignorado pela torcida do São Paulo. Quando o Palmeiras cogitou contratá-lo, a torcida organizada Mancha Verde expôs em frente ao centro de treinamento do clube uma faixa que dizia “a homofobia veste verde”. Recentemente, na temporada de 2017, ele foi bastante hostilizado por torcedores em sua chegada a Campinas em ocasião de sua apresentação ao Guarani-SP.

Esses exemplos deixam claro o estabelecimento de uma lógica que reafirma a heterossexualidade como uma norma no futebol, que cotidianamente se alimenta de confrontos verbais e visuais,

os quais o caráter do preconceito parece mais evidente. Entendemos que essas diferentes manifestações promovem a rejeição e que, eventualmente, levam até mesmo a exclusão de uma série de sujeitos que não se “enquadram”.

No Brasil, em relação ao combate à homofobia no futebol, são poucas as iniciativas dos clubes e da própria Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Um dos poucos exemplos ocorreu em 2014, durante um jogo entre Corinthians e São Paulo, quando foi aberta uma denúncia no Superior Tribunal de Justiça Desportiva contra a torcida tricolor devido às manifestações homofóbicas.

Algumas torcidas começaram a repensar a situação e abolir os gritos de “bicha” que acontecem quando o goleiro adversário vai cobrar um tiro de meta. As atitudes ainda são tímidas e a condição dos torcedores LGBTs é preocupante. Devemos procurar fazer nossa parte. Como agentes educativos dos programas PELC e VS, como podemos contribuir para modificar esse quadro? Quais são as práticas e outros tipos de ações que podem ser adotados no nosso trabalho, auxiliando para a mudança desse quadro?

ATIVIDADE 2

Para esta atividade avaliativa, você deverá fazer um plano de intervenção (ou de aula), de no máximo três páginas, mostrando uma atividade a ser realizada no PELC, no VS ou em outro contexto pedagógico em que você atue. Esta atividade deverá abordar qualquer uma das temáticas que foram apresentadas e trabalhadas na Unidade 2. Procure explicitar no seu plano os seguintes itens: 1) Tema que será trabalhado (presente na Unidade 2); 2) quais os objetivos com esta intervenção? (por exemplo: possibilitar a maior participação das mulheres nas atividades de futebol); 3) descrição da atividade; 4) os materiais e espaços necessários; 5) como você realizará esta intervenção? (metodologia ou recursos didáticos); 6) como você irá avaliar se os objetivos foram alcançados?; 7) qual a bibliografia que te auxiliou a montar o plano e executar a intervenção? É interessante também apontar ,como observação, ao final do seu plano, quais outras maneiras seria possível realizar as discussões apresentadas na unidade, com os usuários dos programas PELC e VS.

SUGESTÃO DE RESPOSTA

Plano de intervenção	
Tema	Futebol e mulheres
Público-alvo	Estudantes do 1º ano do ensino médio da escola XXXXXXXX.
Tempo da atividade	
Objetivos	Conhecer alguns aspectos sobre a história das mulheres no futebol. Debater sobre as dificuldades das mulheres de jogar futebol. Conscientizar sobre a importância de se incluir meninas nos jogos e também da divisão dos espaços de lazer com as mesmas.
Descrição da atividade	Começar a atividade com o vídeo sobre as pioneiras do futebol. Desenvolver um debate sobre o interesse e as condições para a prática do futebol de mulheres entre as participantes da intervenção. Em um primeiro momento, as meninas devem falar sobre o assunto e depois a fala pode ser aberta para os meninos também falarem o que pensam sobre o tema. Encerrar a atividade solicitando aos participantes que compartilhem com os demais algo novo que aprenderam sobre as mulheres no futebol.
Materiais e espaços necessários	Sala de aula, computador, retroprojektor e caixas de som.
Avaliação	Perguntar aos participantes da intervenção o que eles aprenderam de novo sobre o futebol feminino após a atividade.
Referências utilizadas	SUPERESPORTES. Pioneiras Futebol Clube - Em 1968, mulheres driblaram a proibição em Vespasiano para jogar futebol. Disponível em: https://youtu.be/l4k7lvf_26U . Acesso em: 2 jun. 2019. SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. "Guerreiras de chuteiras" na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 303-311, abr.-jun. 2016. Disponível em: https://bit.ly/3giZSsq . Acesso em: 2 jun. 2019.



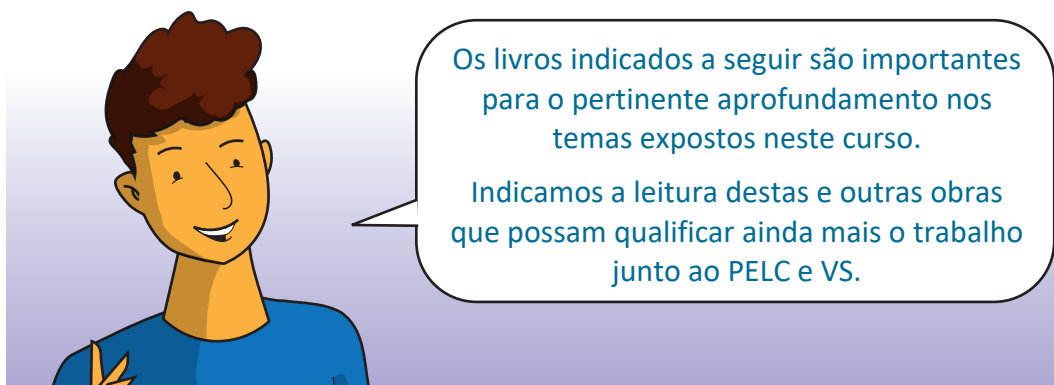
SÍNTESE

Alguns dos principais temas discutidos nessa unidade II tiveram a finalidade de visualizarmos alguns problemas sociais que se manifestam (também) no futebol. Além disso, dialogamos sobre as relações de gênero, problemas enfrentados com violência e racismo no futebol e o sonho de se tornar um jogador(a) de futebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa unidade apontamos como o futebol está em constante diálogo com outros aspectos da nossa sociedade, ou seja, o futebol extrapola o seu contexto esportivo e reverbera em outros campos, em outras esferas sociais. Dessa maneira, em um momento educativo, como nas ações desenvolvidas pelo PELC e VS, temos a oportunidade de trabalhar e ensinar o futebol de uma forma mais abrangente e mais rica, extrapolando a simples prática do esporte e o compreendendo nas diferentes formas em que ele se apresenta. Assim, vamos de encontro a um dos objetivos desses programas, contribuir na formação ampla dos cidadãos por meio do esporte e lazer crítico e consciente.

Nesse livro você encontrará mais sobre as temáticas tratadas no curso, além de outros assuntos relacionados ao futebol, como: história, cultura, torcidas, Copa do Mundo, profissão, racismo, violência, gênero e sexualidades, artes, jogos eletrônicos e aspectos didático-pedagógicos.



Boa leitura e bom trabalho!

REFERÊNCIAS

- ALVITO, Marcos. “A parte que te cabe neste latifúndio”: o futebol brasileiro e a globalização. *Análise Social*, Lisboa, n. 179, p. 451-474, 2006.
- BRASIL. Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 16 maio 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.671.htm. Acesso em: 28 maio 2017.
- CORDEIRO, Leandro Batista; VIEIRA, Christian Matheus Kolanski. Aspectos didático-pedagógicos no ensino do futebol. In: SILVA, Silvio Ricardo da et al. *O ensino do futebol: para além da bola rolando*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.
- DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Editora Hucitec, 2007.
- DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Editora Hucitec, 2007.
- DANTAS, Marina de Mattos. Futebol e profissão. In: SILVA, Silvio Ricardo da et al. *O ensino do futebol: para além da bola rolando*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.
- FLORENZANO, José Paulo. *Afonso e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa, 1998.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa nacional por amostra de domicílios. *Prática de esportes e atividade física 2015*. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.
- IWANZUCK, Jorge. *Historia del fútbol amateur en la argentina*. Buenos Aires: [s.n.], 1992.
- MOURA, Eriberto José Lessa de. *Nos domínios do futebol feminino: Rio de Janeiro e São Paulo como cenário (1913-2013)*. Maceió: Edufal, 2015.
- MURAD, Mauricio. *A violência no futebol*. São Paulo: Benvirá, 2012.
- NICÁCIO, Luiz Gustavo. O torcer no futebol como possibilidade de lazer e a educação física escolar. In: SILVA, Silvio Ricardo da; Debortoli, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe da. *O futebol nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- PEREIRA, Rogério Santos; SILVA, Silvio Ricardo da. Aprender a chutar com as mãos: jogos eletrônicos e o ensino do futebol. In: SILVA, Silvio Ricardo da et al. *O ensino do futebol: para além da bola rolando*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.
- SILVA, Silvio Ricardo da et al. *O ensino do futebol: para além da bola rolando*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.
- SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge. História do futebol. In: SILVA, Silvio Ricardo da et al. *O ensino do futebol: para além da bola rolando*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016. p. 25-48.
- WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SOBRE OS AUTORES

SILVIO RICARDO DA SILVA

Professor do Departamento de Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Coordenador do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFMG). Coordenador do Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL).

MARINA DE MATTOS DANTAS

Formada em Psicologia (PUC Minas), mestre em Psicologia Social (UERJ) e doutora em Ciências Sociais (PUC-SP). Pesquisadora do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFMG).

FELIPE VINÍCIUS DE PAULA ABRANTES

Licenciado em Educação Física, mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisador do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFMG). Professor da rede municipal de Belo Horizonte.

